



BANCO GUANABARA

Relatório da Gestão de Riscos  
3º Trimestre **2012**



## **Sumário**

<b>I. Introdução.....</b>	<b>2</b>
I.1 Apresentação.....	2
I.2 Cenário Econômico e Desempenho no Trimestre .....	2
<b>II. Aspectos Qualitativos da Estrutura de Gestão de Riscos.....</b>	<b>5</b>
II.1 <i>Gestão Integrada de Riscos</i> .....	5
II.1.1 Objetivo .....	5
II.1.2 Premissas básicas .....	5
II.2 Risco de Mercado .....	7
II.2.1 Objetivo .....	7
II.2.1 Critério para Carteira de Negociação e Riscos Associados: .....	7
II.2.3 Ferramentas de Risco de Mercado.....	7
a. VaR:.....	7
b. Testes de Estresse: .....	8
II.2.4 Comparativo da Carteira de Exposição e VaR – Março / Junho .....	8
II.3 Risco de Liquidez.....	9
II.3.1 Objetivo .....	9
II.4 Risco Operacional .....	10
II.4.1 Objetivo .....	10
II.4.2 Plano de Continuidade de Negócios.....	11
a. Plano de Gerenciamento de Crise (PGC) .....	12
b. Plano de Continuidade Operacional (PCO) .....	12
c. Plano de Recuperação de Desastres (PRD).....	12
d. Plano de Treinamento .....	12
II.4.3 Mensuração e Cálculo do Capital para Risco Operacional.....	12
II.5 Risco de Crédito .....	13
II.5.1 Objetivo .....	13
II.5.2 Teste de Stress de Crédito .....	14
II.5.3 Descrição das Variáveis de Stress de Crédito.....	15
II.5.4 Mensuração e Cálculo do Capital para Risco de Crédito .....	15
<b>III. Patrimônio de Referência (PR) e Patrimônio de Referência Exigido (PRE).....</b>	<b>17</b>
III.1 Informações Gerais .....	17
III.2 Patrimônio de Referência (PR) .....	18
III.2.1 Metodologia Adotada para Avaliar a Adequação do PR.....	18
III.2.2 Dívidas Subordinadas por Prazo de Vencimento .....	18
III.3 Patrimônio de Referência Exigido (PRE).....	19
III.3.1 Valor das Parcelas do Patrimônio de Referência Exigido .....	19
III.3.2 Exposição por Fator de Risco (FPR) .....	19
<b>IV. Aspectos Quantitativos das Exposições ao Risco de Crédito.....</b>	<b>20</b>
IV.1 Exposição no Trimestre .....	20
IV.2 Exposição por Região Geográfica.....	20
IV.3 Exposição por Atividade Econômica .....	20
IV.4 Exposição dos Dez Maiores Clientes em Relação à Carteira .....	21
IV.5 Montante de Operações por Faixa de Atrasos .....	21
IV.6 Fluxo das Operações Levadas a Prejuízo no Trimestre .....	21
IV.7 Montante de Provisões para Perda .....	21
<b>V. Considerações Finais.....</b>	<b>22</b>
<b>Lista de Abreviaturas .....</b>	<b>23</b>



## **I. Introdução**

### ***I.1 Apresentação***

Em atendimento a Circular nº 3.477, editada pelo Banco Central do Brasil em 24 de dezembro de 2009, apresentamos a seguir nossas informações relativas à Gestão de Riscos, ao Patrimônio de Referência Exigido (PRE) e à adequação do Patrimônio de Referência (PR), referentes ao terceiro trimestre findo em 28 de setembro de 2012.

### ***I.2 Cenário Econômico e Desempenho no Trimestre***

O período de julho a setembro foi caracterizado pela preocupação por parte dos agentes econômicos em relação à demora da retomada de crescimento mundial. Em tal cenário, que aparentemente não demonstra prognóstico de melhora, tendo em vista que as expectativas em relação a tal se encontram extremamente deterioradas. A Zona do Euro continua apresentando um quadro de grande dificuldade de solução, pois questões em torno de países extremamente deficitários ainda se perduram e não mostram grande perspectivas de melhora. Se tratando da China, o governo local continua com grande preocupação em frear a atividade econômica, evitando bruscas desacelerações do gigante asiático. Nos Estados Unidos, ainda que timidamente, o país vem apresentando retomada de crescimento econômico, os dados já divulgados e tendências levam a expectativas de crescimento moderado, até mesmo afetado pelo cenário da Zona do Euro. No mercado cambial, o dólar volta a valorizar-se ante outras moedas. Nos EUA a expectativa para o crescimento do PIB é de 2,2% em 2012 e 2,3% para 2013. Na Ásia, o governo chinês reduziu a meta para 7,5% de crescimento para o PIB no fim de 2012, a fim de reorientar o modelo de desenvolvimento econômico para o consumo interno. O Brasil continua sendo destino de muitos investidores internacionais, o risco país volta a recuar após alta até 243 em maio para 183 em julho e recua para 164 em setembro (spread over Treasury). Os investimentos externos diretos no ano de 2012 são da ordem de R\$ 47,6 bi, enquanto o déficit acumulado em transações correntes é R\$ 34,1 bi. A balança comercial apresentou em junho o resultado de US\$ 0,806 bi em junho, US\$ 2,877 bi em julho, US\$ 3,226 bi em agosto e US\$ 2,556 bi no mês de setembro/2012, acumulando no ano o valor de R\$ 15,7 bi. Os preços das commodities apresentam evolução de 1,21% no trimestre e 11,88% acumulado no ano vigente indicado pelo índice que é calculado pelo Commodity Research Bureau (CRB) e mede o movimento de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudança das condições econômicas.



O Brasil encontra bastantes problemas para apresentar crescimento mais sólido, no entanto, o governo vem trabalhando com medidas expansionistas e isso ainda não surtiu o efeito desejado, com volta de investimentos na economia. Por outro lado, tal medida gera redução do déficit público. Além de problemas relacionados às expectativas dos agentes, outro problema é encontrado na produtividade dos fatores, principalmente relacionados ao trabalho. Pois apesar da tibieza da atividade econômica, o mercado de trabalho continua aquecido, e o que se encontra nesse mercado é composto por mão de obra de baixa qualificação.

A política de crédito do governo brasileiro apresentou evolução no trimestre julho-setembro de 2012. As operações de crédito cresceram 3,8% no período. Segundo dados estimados pelo Bacen, o volume total de crédito, R\$ 2.237.252 mi, representando 51,5% do PIB estimado pelo BACEN em setembro/2012, deste percentual, 63,6% são recursos livres, enquanto os recursos direcionados (BNDES e crédito rural) representam 36,4%. Para pessoas físicas, 49,4% do volume total de crédito de recursos livres e o restante para pessoas jurídicas. A inadimplência aumentou em 0,1 p.p de 7,8% em junho para 7,9% em setembro para pessoas físicas, já para pessoas jurídicas a inadimplência se manteve em 4,0%, no patamar de junho.

Ainda devido ao ambiente de crise internacional e perspectivas de baixo crescimento econômico no Brasil e restante do mundo não permitiram expansão mais significativa do volume de crédito.

Inerente à atividade econômica, a atividade industrial medida pelo IBC-Br (Bacen) que incorpora estimativa para produção mensal dos três setores da economia, apresentou melhora de 2,14% nos últimos três meses de dados divulgados pelo Banco Central do Brasil de maio a agosto de 2012 e variação 3,12% nos últimos 12 meses divulgados.

Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, Banco Central do Brasil e IBGE mostram que o desemprego é de 5,3% em agosto. O rendimento real dos trabalhadores cresceu 2,6% no trimestre encerrado em agosto em relação ao mesmo período de 2011.



---

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) atinge R\$ 1,535 bi, que representa 35,3% do PIB (dados estimados pelo BACEN). O Resultado Primário do Governo Central é de R\$ 1,591 bi em setembro, ante aos R\$ 2,794 bi, R\$ 5,570 bi e R\$ 2,997 bi em junho, julho e agosto de 2012, respectivamente. O Resultado Nominal apresentou déficit de R\$ 12,254 bi em setembro, R\$ 13,325 bi, R\$ 11,866 bi e R\$ 16,121 bi em junho, julho e agosto respectivamente.

Ao que indicam os índices relacionados à inflação, divulgados de julho a setembro mostram que o comportamento da mesma continua em desaceleração, grande parte desse processo é oriundo do ambiente recessivo de pouco crescimento global.



## **II. Aspectos Qualitativos da Estrutura de Gestão de Riscos**

### **II.1 Gestão Integrada de Riscos**

#### **II.1.1 Objetivo**

O processo de gestão de riscos no Banco Guanabara tem por objetivo sistematizar a identificação, mensuração, avaliação, monitoramento, controle e mitigação dos riscos incorridos na atividade bancária, visando maximizar os retornos de seus acionistas, com redução da volatilidade nos resultados, contando, para isso, com controles internos mais eficazes e racionalização dos processos e recursos disponíveis. A competitividade existente no setor obriga as instituições a desenvolverem processos mais eficazes, com rígidos controles internos, capazes de adequar os níveis de risco aos resultados desejados. Esse gerenciamento é de fundamental importância para o alcance dos objetivos e metas de nossa instituição, garantindo a continuidade normal de suas atividades, oferecendo segurança aos acionistas, subsidiando o processo decisório e proporcionando o retorno desejado nas operações, produtos e serviços do banco, contribuindo ainda para permitir a otimização da relação risco/retorno no Banco Guanabara.

Os riscos que fazem parte da gestão integrada do Banco Guanabara são os seguintes:

- Risco de Crédito;
- Risco de Liquidez;
- Risco de Mercado e
- Risco Operacional.

#### **II.1.2 Premissas básicas**

Objetivando a mitigação dos riscos a que o banco está exposto em função de suas atividades, operações, produtos e serviços, destacam-se as seguintes premissas básicas:

- O Banco Guanabara não possui investimento em títulos de renda variável – carteira de ações, nem tampouco realiza operações nos mercados futuro, de opções ou a termo desses ativos;



- O Banco Guanabara não realiza operações nos mercados à vista e futuro de moedas e commodities, nem tão pouco, assume posições especulativas nesses ativos ou derivativos;
- O Banco Guanabara não arbitra posições nos mercados futuros de juros;
- O Banco não realiza operações com ouro, tanto no mercado à vista, quanto no mercado futuro ou termo;
- O Banco não administra recursos de terceiros;
- O Banco não realiza operações com instrumentos financeiros e mercadorias, inclusive derivativos, destinados à revenda, a obtenção de benefício dos movimentos de preços, efetivos ou esperados ou arbitragem, classificadas na carteira de negociação (*trading book*), tampouco renda variável;
- As captações através de CDB - Certificados de Depósitos Bancários são realizadas em sua grande maioria junto aos acionistas e empresas ligadas ao grupo Guanabara;
- As operações de crédito a serem contratadas, em função de seu valor podem ser “hedgeadas” por operações de *Swap* de indexador, com prazos e valores compatíveis, de acordo com as determinações do Comitê de Investimentos;
- O Banco respeita e monitora continuamente os limites de concentração e diversificação determinados pelo Banco Central do Brasil.



## **II.2 Risco de Mercado**

### **II.2.1 Objetivo**

O Banco Guanabara tem como objetivo a gestão desse risco otimizando a relação risco-retorno através de modelos terceirizados, amplamente testados. As ferramentas e parâmetros utilizados nessa abordagem levam em consideração, entre outros fatores, a diversificação de riscos e limites máximos de exposição. Para tal é enfatizado a análise do seguinte risco:

➤ Risco de taxa de juros – o risco de taxas de juros refere-se ao nível de exposição da situação financeira de uma instituição a movimentações das taxas de juros, que sejam contrárias as suas posições. Esse tipo de risco pode afetar não apenas os resultados das instituições financeiras, bem como valor econômico de seus ativos, passivos e instrumentos não constantes do balanço. Apesar de ser o risco de taxa de juros normal à atividade bancária, seu excesso pode ameaçar, consideravelmente, os ganhos e a base de capital de uma instituição financeira. As formas mais comuns de risco de taxas de juros a que as instituições financeiras estão tipicamente expostas são as exposições a riscos de mercado e são controladas e administradas através da gestão dos descasamentos de moedas, vencimentos e taxas de juros. Títulos, derivativos, empréstimos e financiamentos devem ser analisados tanto de maneira individual como consolidada.

### **II.2.1 Critério para Carteira de Negociação e Riscos Associados:**

O Banco não realiza quaisquer operações que devam ser classificadas na Carteira de Negociação (*trading book*), conforme estabelecido pelo BACEN através da Resolução n.º 3.464/07.

### **II.2.3 Ferramentas de Risco de Mercado**

#### **a. VaR:**

Emprega-se a metodologia do "valor em risco" (*value at risk*), ou VaR, para avaliar os riscos das operações classificadas fora da carteira de negociação (*banking book* – parcela  $R_{BAN}$ ). O VaR é definido basicamente como o prejuízo potencial no transcorrer de um determinado horizonte de tempo, em virtude de movimentos de mercado regulares e adversos, baseando-se em análise de





probabilidades. O modelo de risco utiliza um nível de confiança de 99% (2,33 desvios padrões) e o horizonte de tempo de 1 dia para calcular o VaR diariamente. A análise captura os ativos e passivos financeiros, inclusive instrumentos derivativos.

#### ***b. Testes de Estresse:***

O teste de estresse é parte integrante da gestão de riscos do Banco Guanabara. Cenários de manutenção, rápida deterioração e melhoria das condições do mercado são realizados e revisados mensalmente. Além disso, sempre que se preveem eventos políticos ou econômicos que podem afetar o mercado financeiro, novos cenários são gerados e as posições são reavaliadas para entendimento dos impactos para o banco. O uso dessas ferramentas resulta na emissão periódica de relatórios e posições assumidas pelo banco.

#### ***II.2.4 Comparativo da Carteira de Exposição e VaR – Junho / Setembro***

Carteira	Junho/2012		Setembro/2012	
	Exposto	VAR	Exposto	VAR
Total Geral .....	585.200	111	626.057	64

Nota: Os valores acima estão demonstrados em milhares de reais.

O Banco Guanabara procede ao constante gerenciamento do risco de mercado a que está exposto, identificando, mensurando, avaliando, monitorando, mitigando e controlando os riscos associados.

Não houve por parte do Banco Central do Brasil, no terceiro trimestre de 2012, nenhuma restrição ou limites para nossas operações.

A estrutura do Banco Guanabara para o gerenciamento do risco de mercado é compatível com a natureza de nossas operações, respectiva complexidade e exposição ao risco. Calculamos diariamente o VaR (*Value at Risk*), através de sistema específico para o gerenciamento deste risco, contratado junto à empresa de grande reputação no mercado.

O Banco Guanabara atua de forma conservadora em relação à exposição a esse risco e o seu Patrimônio de Referência está enquadrado nos limites legais.

Não houve exposição relevante nem variações significativas sobre a posição do capital próprio do Banco Guanabara, estando o risco de mercado sob controle.



## **II.3 Risco de Liquidez**

### **II.3.1 Objetivo**

Objetivando o gerenciamento adequado da exposição ao risco de liquidez, e em observância às normas consignadas na Resolução n.º 2.804, de 21/12/2000, do CMN, o Banco Guanabara administra seu fluxo de caixa, com vistas a mensurar exposições ao risco de liquidez, através de um sistema informatizado, terceirizado de um fornecedor de grande reputação e experiência no mercado, o qual está em linha com as exigências da pré-falada resolução, bem como, com as determinações emanadas do Conselho de Administração, observando ainda a:

- Existência de sistema gerencial para a confecção dos fluxos de caixas considerando todos os investimentos, captações e crédito;
- Existência de padrões mínimos de liquidez, pré-estabelecidos pelo Comitê de Riscos;
- Existência de balanço de ativos, passivos, moedas, com prazos, taxas, etc.;
- Existência de modelos para avaliação de liquidez dos produtos das carteiras;
- Realização de testes de estresse e cenários.

Para confecção do fluxo de caixa, o banco conta com um sistema onde os dados são importados através de arquivos gerados pelos sistemas legados, considerando todos os investimentos, captações e operações de crédito.

O risco de liquidez da instituição está sob controle. A instituição apresenta um alto colchão de liquidez, na ordem de R\$ 441.403 milhões, aplicados em Operações Compromissadas, que proporciona honrar seus compromissos seja para resgates de aplicações financeiras (CDB), ou para cumprir a sua programação de liberações de novas operações.



## **II.4 Risco Operacional**

### **II.4.1 Objetivo**

A Política de Risco Operacional (RO), do Banco Guanabara tem como objetivo definir diretrizes para a implantação e implementação de uma estrutura de gerenciamento do risco operacional, e disseminação da cultura de controles internos e de gestão desse risco, em todos os níveis hierárquicos da instituição. Estabelecendo ainda atribuições e responsabilidades para cumprimento dos objetivos e metas traçados pela alta administração.

O gerenciamento de risco operacional está estruturado para:

- Identificar, mensurar, avaliar, monitorar, controlar e mitigar o risco operacional;
- Documentar e armazenar as informações referentes às perdas associadas ao risco operacional;
- Elaborar relatórios que permitam a identificação e correção tempestiva das deficiências de controle e de gerenciamento do risco operacional;
- Realizar testes de avaliação dos sistemas de controle de riscos operacionais implementados;
- Elaborar e disseminar a política de gerenciamento de risco operacional em todos os níveis hierárquicos da instituição, estabelecendo papéis e responsabilidades, inclusive para os prestadores de serviços terceirizados;
- Assegurar condições de continuidade normal das atividades para limitar graves perdas decorrentes de risco operacional;
- Implementar, manter e divulgar o processo estruturado de comunicação e informação.

#### **II.4.2 Plano de Continuidade de Negócios**

O objetivo é garantir a continuidade do negócio através de processos escritos e representados graficamente, para dar suporte ao Banco Guanabara em caso ocorra alguma falha nos sistemas gerencias ou nas instalações gestoras. Através de ações preventivas visamos prover a empresa de procedimentos, controles, responsabilidades e regras, e assim garantir na íntegra a continuidade das operações.

O PCN é um documento onde estão definidas as responsabilidades estabelecidas pela organização para atender a eventual emergência e contém informações detalhadas sobre as ações a serem desenvolvidas na área de gestão de recursos.

É um documento que tem por objetivo informar, treinar, organizar, orientar, facilitar, agilizar e uniformizar as ações necessárias às respostas de controle e combate às ocorrências anormais.

Abordaremos aqui dois aspectos diferentes sobre o PCN. O primeiro está vinculado à recuperação de dados em caso de desastres, focado na recuperação de informações armazenadas em software e equipamentos eletrônicos. O segundo explanará como é possível diagnosticar os eventos que podem afetar o funcionamento de uma organização e estabelecer alternativas para que as operações não sejam interrompidas.

É estabelecida neste documento a criação de um único plano contendo uma sequência de ações contra cada ameaça considerada em cada um dos processos do negócio, definindo em detalhes os procedimentos a serem executados em estado de contingência, que são:

- Plano de Gerenciamento de Crise (PGC);
- Plano de Continuidade Operacional (PCO);
- Plano de Recuperação de Desastres (PRD);
- Plano de Treinamento.

**a. Plano de Gerenciamento de Crise (PGC)**

O PGC define as responsabilidades de cada membro da equipe envolvida com o acionamento da contingência e os procedimentos a serem executados para retornar a normalidade.

**b. Plano de Continuidade Operacional (PCO)**

O PCO visa definir um plano de recuperação e restauração das funcionalidades dos ativos afetados que suportam os processos do negócio.

**c. Plano de Recuperação de Desastres (PRD)**

O PRD recupera e restaura as funcionalidades restabelecendo o ambiente e as condições originais de operação.

**d. Plano de Treinamento**

O Plano de Treinamento tem como objetivo propiciar aos funcionários, através de simulações de cenários de exposição de riscos, estarem aptos para procederem às orientações.

**II.4.3 Mensuração e Cálculo do Capital para Risco Operacional**

A abordagem de cálculo de capital para risco operacional utilizada pelo Banco Guanabara é a metodologia indicador básico (BIA – *Basic Indicator Approach*).

O método do indicador básico determina que a instituição possua capital para o risco operacional equivalente a uma porcentagem de 15% (denominada alfa) sobre o valor da média anual do resultado bruto positivo dos três anos precedentes. Esta metodologia parte do princípio de quanto maior o resultado bruto de uma transação, maior será o seu risco operacional e, portanto, propõem a utilização de um fator que corresponde a 15% do resultado bruto médio dos últimos três anos como o valor a ser alocado para cobertura de risco operacional.



## **II.5 Risco de Crédito**

### **II.5.1 Objetivo**

A gestão do risco de crédito do Banco Guanabara tem como objetivo atender o disposto na Resolução n.º 3.721, emitida pelo Banco Central do Brasil em 30 de abril de 2009, que determinou a implementação de estrutura de gerenciamento do risco de crédito compatível com a natureza das operações e a complexidade dos produtos e serviços oferecidos e proporcionais à dimensão da exposição ao risco de crédito das instituições.

Em linha com as recomendações do acordo de Basiléia II e observadas às melhores práticas de gestão de risco, nossa política objetiva a identificação, mensuração, controle e mitigação do risco de crédito, através de monitoramento integrado e contínuo desse risco, buscando garantir a integridade e a qualidade dos ativos do banco, adequação dos níveis de Patrimônio de Referência (PR) aos riscos assumidos, níveis adequados de risco e controle e previsibilidade de perdas, contribuindo para o equilíbrio do lucro da instituição e para a consecução dos objetivos e metas pré-estabelecidos.

O Banco Guanabara estabelece sua política de crédito com base em fatores internos e externos, relacionados ao ambiente econômico e está amparado em procedimentos de análise desenvolvidos pela sua experiência e tradição. A aprovação do crédito segue a Política da Gestão do Risco de Crédito onde são estabelecidas as alçadas competentes, procedimentos e metodologias, formando um sistema eficiente e eficaz, capaz de mapear, identificar, controlar e mitigar o risco relativo à probabilidade do não pagamento pelo tomador ou da contraparte.

O Banco conta com um sistema de gestão de risco de crédito que torna possível medir o valor da perda esperada para a carteira de crédito. O sistema utiliza a metodologia *Credit Risk* com simulações Monte Carlo, análise descritiva e análise paramétrica para estimar o *Credit VAR* baseado nas variáveis de *Probability of Default* (PD) e *Loss Given Default* (LGD).



Para uma melhor compreensão de nossa política e da estrutura de gerenciamento do risco de crédito, faz-se necessário destacar que:

- O Banco Guanabara é uma instituição tradicional em seu nicho de mercado, com perfil conservador, atuando como braço financeiro do grupo Guanabara, focando principalmente em operações de crédito com garantias;
- As operações estão segmentadas uma parte para transporte rodoviário, atuando no fomento àquele setor através de financiamento de veículos novos e usados, contando com a garantia dos bens financiados; e no outro segmento são operações de crédito de *Middle Market* onde possuem, na sua essência, direitos creditórios como garantia;
- O banco não realiza operações de crédito ou investimentos em títulos, valores mobiliários ou instrumentos financeiros derivativos em outros países. Portanto, não se expõe ao Risco País, nos termos definido pelo BACEN;
- O banco não realiza suas operações de crédito através de intermediadores ou de convênios. Portanto, não se expõe ao risco de perdas associadas ao não cumprimento de obrigações financeiras nos termos pactuados por parte intermediadora ou conveniente de operações de crédito;
- O banco não realiza quaisquer operações que devam ser classificadas na carteira de negociação (*trading book*), conforme estabelecido pelo BACEN através da Resolução n.º 3.464/07.

### **II.5.2 Teste de Stress de Crédito**

Em cenários de stress, através de um estudo do Banco Central Alemão (Bundesbank), foi criado um conjunto padronizado de nove alternativas que é adotado internacionalmente, aonde são realizados choques nos parâmetros de PD e LGD.

Além dos cenários padronizados de *stress*, são analisadas outras condições específicas cobrindo choques segmentados por diversas visões tais como: setor econômico, localização geográfica, entre outros.

### **II.5.3 Descrição das Variáveis de Stress de Crédito**

*Probability of Default* (PD): Cada ativo de crédito (ou conjunto homogêneo de ativos de crédito) tem a respectiva PD calibrada em função de seu comportamento histórico ajustado às perspectivas de cenário econômico futuro em 03 (três) possibilidades: (i) Cenário Normal; (ii) *Stress 1* (agravamento da PD em 30%); (iii) *Stress 2* (agravamento da PD em 60%).

*Loss Given Default* (LGD): Cada ativo de crédito (ou conjunto homogêneo de ativos de crédito) tem a respectiva LGD associada às garantias, calibrada em função de seu comportamento histórico ajustado às perspectivas de cenário econômico futuro em 03 (três) possibilidades: (i) Cenário Normal; (ii) *Stress 1* (agravamento do LGD acrescido de 5%); (iii) *Stress 2* (agravamento do LGD acrescido de 10%).

### **II.5.4 Mensuração e Cálculo do Capital para Risco de Crédito**

A parcela do Patrimônio de Referência Exigido (PRE) referente às exposições ponderadas por fator de risco ( $P_{EPR}$ ) deve ser no mínimo, igual ao resultado da seguinte fórmula:

$$P_{EPR} = F \times EPR,$$

Onde:

$$F = 0,11$$

EPR = somatório dos produtos das exposições pelos respectivos Fatores de Ponderação de Risco (FPR).

Para a apuração do EPR, considera-se exposição:

- A aplicação de recursos financeiros em bens e direitos e o gasto ou a despesa registrados no ativo;
- O compromisso de crédito não cancelável incondicional e unilateralmente pela instituição;





- A prestação de aval, fiança, coobrigação ou qualquer outra modalidade de garantia pessoal do cumprimento de obrigação financeira de terceiros, incluindo o derivativo de crédito em que a instituição atue como receptora do risco;
  
- O ganho potencial futuro, decorrente de operações com instrumentos financeiros derivativos, incluindo operações de swap, operações a termo e posições compradas em opções;

Seguindo as recomendações de Basiléia II, as contrapartes são identificadas por faixas de ponderação de risco, que são definidas pela Circular n.º 3.360/2007 e suas respectivas atualizações.

Por determinação a critério do Banco Central, um valor adicional pode ser acrescido ao fator F. Desta maneira, o valor total da parcela  $P_{EPR}$  seria igual à parcela  $P_{EPR}$  antes do adicional do fator F mais o valor adicional do fator F.



### **III. Patrimônio de Referência (PR) e Patrimônio de Referência Exigido (PRE)**

#### **III.1 Informações Gerais**

Para cálculo e monitoramento do Patrimônio de Referência (PR) e do Patrimônio de Referência Exigido (PRE), a instituição dispõe de um sistema informatizado específico para a gestão e controle da alocação de capitais, em função da exposição aos riscos operacional, de crédito, de mercado e de liquidez a que o banco está exposto em função de suas atividades, operações, produtos e serviços.

Não existem instrumentos híbridos de capital e dívida compondo o Nível I do Patrimônio de Referência.

O Patrimônio de Referência Nível II é composto pela dívida subordinada e seu vencimento será em 13/04/2015 (CDBS) e 18/02/2016 (LFS).

Não existem ativos registrados na carteira de negociação (*trading book*). A instituição calcula o valor em risco (*Value at Risk – VaR*) para os ativos registrados fora da carteira de negociação (*banking book*), diariamente, adotando um intervalo de confiança de 99%. Para fins de exigência de capital é levado em consideração que a instituição levará dez dias para se desfazer de suas posições, para o mês de setembro o valor da parcela  $R_{BAN}$  foi de R\$ 205 mil.

Utilizamos a metodologia básica para alocação de capital para cobertura do risco operacional ( $P_{OPR}$ ), baseado na média de 15% sobre o resultado operacional dos últimos exercícios aonde chegamos ao valor de R\$ 7.483 milhões.



### III.2 Patrimônio de Referência (PR)

#### III.2.1 Metodologia Adotada para Avaliar a Adequação do PR

O Patrimônio de Referência é calculado a partir da soma do PR Nível I e PR Nível II, menos as deduções previstas nos artigos 3º, 4º e 5º da Resolução n.º 3.444/07 conforme tabela abaixo:

Contas	Dezembro / 2011	Março / 2012	Junho / 2012	Setembro / 2012
Patrimônio de Referência (PR)	171.921.760,95	170.795.432,72	151.529.103,89	147.387.709,09
Patrimônio de Referência Nível I	134.008.265,37	134.203.335,05	124.323.491,90	119.661.121,60
Patrimônio Líquido	134.037.451,65	134.037.451,65	124.334.755,31	124.334.755,31
Contas de Resultado Credoras	95.009.081,35	49.285.831,29	89.575.903,42	41.021.476,38
Contas de Resultado Devedoras	(92.039.837,30)	(49.100.193,70)	(99.278.599,76)	(45.688.757,68)
Ativo Permanente Diferido	(29.186,28)	(19.754,19)	(11.263,41)	(6.352,41)
Patrimônio de Referência Nível II	37.913.495,58	36.592.097,67	27.205.611,99	27.726.587,49
Dívida Subordinada (CDBS/LFS)	37.913.495,58	36.592.097,67	27.205.611,99	27.726.587,49

#### III.2.2 Dívidas Subordinadas por Prazo de Vencimento

Vencimento	Dezembro/2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
Entre 4 e 5 Anos	37.913.495,58	0,00	0,00	0,00
Entre 3 e 4 Anos	0,00	36.592.097,67	6.903.443,83	7.035.641,73
Entre 2 e 3 Anos	0,00	0,00	20.302.168,16	20.690.945,76
<b>Tota Geral</b>	37.913.495,58	36.592.097,67	27.205.611,99	27.726.587,49

**III.3 Patrimônio de Referência Exigido (PRE)****III.3.1 Valor das Parcelas do Patrimônio de Referência Exigido**

De acordo com as normas da Resolução n.º 3.490/07, o Patrimônio de Referência Exigido é calculado a partir da soma das seguintes parcelas:

$$PRE = P_{EPR} + P_{CAM} + P_{JUR} + P_{COM} + P_{ACS} + P_{OPR}$$

Contas	Dezembro / 2011	Março / 2012	Junho / 2012	Setembro / 2012
Índice de Basilea	26,70%	27,07%	26,37%	24,14%
Patrimônio de Referência (PR)	171.921.760,95	170.795.432,72	151.529.103,89	147.387.709,09
Patrimônio de Referência Nível I	134.008.265,37	134.203.335,05	124.323.491,90	119.661.121,60
Patrimônio de Referência Nível II	37.913.495,58	36.592.097,67	27.205.611,99	27.726.587,49
Patrimônio de Referência Exigido (PRE)	70.816.066,12	69.392.373,33	63.213.735,23	67.174.193,15
P <sub>EPR</sub>	63.296.253,87	61.734.869,91	55.556.231,81	59.690.958,63
P <sub>OPR</sub>	7.519.812,25	7.657.503,42	7.657.503,42	7.483.234,52
R <sub>BAN</sub>	321.727,30	337.338,19	348.919,02	204.670,79
Limite (PRE + R <sub>BAN</sub> )	71.137.793,42	69.729.711,52	63.562.654,25	67.378.863,91
Margem (PR - PRE - R <sub>BAN</sub> )	100.783.967,53	101.065.721,20	87.966.449,64	80.008.845,15
Índice de Imobilização	1,52%	1,58%	1,79%	2,03%
Limite	85.922.945,10	85.359.780,98	75.726.616,57	73.688.854,55
Situação	2.605.359,31	2.692.369,47	2.715.486,02	2.990.999,95
Margem	83.317.585,79	82.667.411,52	73.011.130,56	70.697.854,60

**III.3.2 Exposição por Fator de Risco (FPR)**

Exposições por FPR	Dezembro/2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
	EPR	EPR	EPR	EPR
20%	0,00	0,00	0,00	0,00
50%	1.670.620,00	1.670.620,00	1.670.620,00	1.670.620,00
75%	0,00	0,00	438,14	149,97
100%	573.522.948,21	559.287.548,34	502.973.419,97	540.595.742,20
150%	256.107,68	287.675,93	423.438,15	384.918,66
-100%	-29.186,28	-19.754,19	-11.263,41	-6.352,41
<b>Total Geral</b>	<b>575.420.489,61</b>	<b>561.226.090,08</b>	<b>505.056.652,85</b>	<b>542.645.078,42</b>

**IV. Aspectos Quantitativos das Exposições ao Risco de Crédito****IV.1 Exposição no Trimestre**

Exposições	3º Trim/2012
	EPR
Julho	498.256.220,41
Agosto	523.221.164,81
Setembro	542.645.078,42
<b>Média no Trimestre</b>	<b>521.374.154,55</b>

**IV.2 Exposição por Região Geográfica**

Região Geográfica	Dezembro/2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
	Total (R\$)	Total (R\$)	Total (R\$)	Total (R\$)
Centro Oeste	10.436.227,04	13.940.082,60	7.310.580,01	6.055.653,90
Nordeste	221.207.760,63	207.617.579,78	199.954.117,99	208.028.625,56
Norte	15.315.261,15	24.962.797,40	24.219.034,53	25.372.727,03
Sudeste	292.268.798,01	290.287.294,65	251.578.827,80	278.440.002,87
Sul	36.192.442,78	24.418.335,65	21.994.065,52	24.748.069,06
<b>Total geral</b>	<b>575.420.489,61</b>	<b>561.226.090,08</b>	<b>505.056.625,85</b>	<b>542.645.078,42</b>

**IV.3 Exposição por Atividade Econômica**

Atividade Econômica	Dezembro/2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
	Total (R\$)	Total (R\$)	Total (R\$)	Total (R\$)
Comércio	96.925.098,51	84.516.681,97	76.832.061,42	71.463.409,85
Indústria	66.469.125,83	53.605.494,24	50.996.129,67	60.905.457,73
Intermediários Financeiros	914.701,25	904.409,67	-	-
Outros Serviços	399.066.177,33	411.036.807,21	363.741.971,45	403.200.158,80
Pessoas Físicas	12.045.386,69	11.162.696,99	13.486.463,31	7.076.052,04
<b>Total Geral</b>	<b>575.420.489,61</b>	<b>561.226.090,08</b>	<b>505.056.625,85</b>	<b>542.645.078,42</b>

**IV.4 Exposição dos Dez Maiores Clientes em Relação à Carteira**

	Dezembro / 2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
Exposição (R\$)	95.634.342,66	106.020.095,01	97.194.040,95	112.374.220,96
% em relação a carteira	16,53%	18,82%	18,76%	20,08%
Carteira de Crédito	578.426.609,17	563.475.545,62	518.015.098,19	559.763.939,15
Média de participação p/ cliente	1,65%	1,88%	1,88%	2,01%
Participação do cliente com maior exposição	2,59%	2,67%	3,04%	2,69%
Cliente com maior exposição em relação ao PR	8,71%	8,79%	10,20%	10,37%

**IV.5 Montante de Operações por Faixa de Atrasos**

Atrasos	Dezembro / 2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
	Saldo Atraso	Saldo Atraso	Saldo Atraso	Saldo Atraso
Até 60 dias	3.753.158,26	5.776.254,83	4.782.718,89	3.348.990,94
Entre 61 e 90 dias	503.755,61	2.223.840,74	426.840,69	893.829,41
Entre 91 e 180 dias	758.212,23	2.698.054,92	6.548.174,16	723.125,68
Acima de 180 dias	1.947.320,97	1.328.086,44	2.807.298,97	8.209.142,37
<b>Total</b>	<b>6.962.447,07</b>	<b>12.026.236,93</b>	<b>14.565.032,71</b>	<b>13.175.088,40</b>

**IV.6 Fluxo das Operações Levadas a Prejuízo no Trimestre**

Levado a Prejuízo	4º Trim/2011	1º Trim/2012	2º Trim/2012	3º Trim/2012
	0,00	1.454.542,11	3.314.196,68	1.528.320,29

**IV.7 Montante de Provisões para Perda**

	Dezembro / 2011	Março/2012	Junho/2012	Setembro/2012
Provisão	17.997.150,83	23.660.803,55	33.004.728,06	39.196.929,79



## **V. Considerações Finais**

O Banco Guanabara procede ao constante gerenciamento do risco de crédito a que está exposto, identificando, avaliando, monitorando e controlando os riscos associados.

Não houve por parte do Banco Central do Brasil, no terceiro trimestre de 2012, nenhuma restrição ou limites para nossas operações.

A estrutura do Banco Guanabara para o gerenciamento do risco de crédito é compatível com a natureza de nossas operações, respectiva complexidade e exposição ao risco. O Banco Guanabara atua de forma conservadora em relação a este tipo de risco e o seu Patrimônio de Referência está enquadrado nos limites legais.

A unidade executora da atividade de auditoria interna é terceirizada, segregada e não há sobreposição de funções.

O Banco Guanabara continuará com a manutenção do procedimento de alternativas com cenários menos favoráveis (testes de estresse).

A Diretoria e o Conselho de Administração, mantém a aprovação e revisão, anualmente, da Política da Gestão do Risco de Crédito, ajustando-a quando cabível.

Não houve exposição relevante nem variações significativas sobre a posição do capital próprio do Banco Guanabara, estando o risco de crédito sob controle.

Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 2012

***Pedro Aurélio Barata de Miranda Lins***

***Diretor***



## Lista de Abreviaturas

### ■ B

BACEN – Banco Central do Brasil  
BIA – *Basic Indicator Approach*

### ■ C

CDBS - Certificado de Depósito Bancário Subordinado  
CDB – Certificado de Depósito Bancário  
CMN – Conselho Monetário Nacional

### ■ E

EPR – Exposição Ponderada pelo Risco

### ■ F

FPR – Fator de Ponderação de Risco

### ■ L

LFS – Letra Financeira Subordinada  
LGD – *Loss Given Default*

### ■ P

PRE – Patrimônio de Referência Exigido  
PR – Patrimônio de Referência  
P<sub>OPR</sub> – Parcela referente ao risco operacional  
P<sub>EPR</sub> – Parcela referente às exposições ponderadas pelo fator de risco (risco de crédito)  
P<sub>CAM</sub> – Parcela referente ao risco das exposições em ouro, em moeda estrangeira e em operações sujeitas à variação cambial  
P<sub>JUR</sub> – Parcela referente ao risco operacional sujeitas à variação de taxas de juros e classificadas na carteira de negociação  
P<sub>COM</sub> – Parcela referente ao risco das operações sujeitas à variação do preço de mercadorias (*commodities*)  
P<sub>ACS</sub> – Parcela referente ao risco das operações sujeita à variação do preço de ações e classificadas na carteira de negociação  
PCN – Plano de Continuidade de Negócios  
PD – *Probability of Default*  
PGC – Plano de Gerenciamento de Crise  
PCO – Plano de Continuidade Operacional  
PRD – Plano de Recuperação de desastres





■ **R**

---

$R_{BAN}$  – Capital para cobertura do risco das exposições sujeitas à variação de taxas de juros das operações não-classificadas na carteira de negociação  
RO – Risco Operacional

■ **V**

---

Var – *Value at Risk*